



Fig. 1: Cobertura da imprensa chilena da inauguração do Museu da Solidariedade. Fonte: Disponível em: <https://www.mssa.cl/noticias/mssa-conmemora-el-nacimiento-de-mario-pedrosa/>. Acesso em: 21 mar. 2023,

ARTIGO

MÁRIO PEDROSA E A CRIAÇÃO DE UMA REDE AFETIVA DE TRABALHO

ANA CECÍLIA SOARES
ABCA/CEARÁ

RESUMO: Este artigo tem por intuito mostrar a importância do trabalho realizado por Mário Pedrosa, na direção do Comitê Internacional de Solidariedade Artística com Chile (CISAC), organismo responsável por organizar, mobilizar e receber as doações de obras efetuadas pelos artistas estrangeiros para a criação do Museu da Solidariedade. Fundado em 1971, o CISAC era constituído por intelectuais da América Latina, Europa e Estados Unidos. Todos eles assumiram a tarefa de divulgar, amplamente, esse compromisso cultural, incentivando os artistas de seus respectivos países a ofertarem obras para o Museu da Solidariedade. Nesse processo, devido a seu extenso currículo e carisma entre a classe artística e crítica, Mário Pedrosa foi figura-chave ao conquistar apoiadores para o projeto museológico e, com isso, pôde divulgar as transformações sociais realizadas pelo governo de Salvador Allende, no Chile, obstruindo o bloqueio midiático imposto pela extrema direita no país.

PALAVRAS-CHAVE: CISAC, Museu da Solidariedade, Chile, Mário Pedrosa.

ABSTRACT: This article aims to demonstrate the importance of the work carried out by Mário Pedrosa as director of the International Committee for Artistic Solidarity with Chile (CISAC), an organization responsible for organizing, mobilizing, and receiving donations of works made by foreign artists for the creation of the Solidarity Museum. Founded in 1971, CISAC was made up of intellectuals from Latin America, Europe, and the United States. They all took on the task of widely publicizing this cultural commitment, encouraging artists from their respective countries to donate works to the Solidarity Museum. In this process, due to his extensive curriculum and charisma among the artistic and critical classes, Mário Pedrosa was a key figure in winning supporters for the museum project, and with this, he was able to publicize the social transformations carried out by the government of Salvador Allende, in Chile, obstructing the media blockade imposed by the extreme right in the country.

KEYWORDS: CISAC, Solidarity Museum, Chile, Mário Pedrosa.

Desde a vitória eleitoral de Salvador Allende (1908-1973) à presidência do Chile, em 4 de novembro de 1970, indícios de um futuro golpe militar já se anunciavam pelo país. Tanto que sua concretização culminou três anos depois da chegada do socialista ao poder. Nesse processo, os opositores de Allende contaram com o apoio absoluto dos Estados Unidos, cujo presidente, Richard Nixon (1913-1994), deixou evidentes suas intenções, ao proliferar a malfadada frase: “Faremos a economia do Chile gritar por socorro” (PAGOTTO, 2023, p. 8), revelada posteriormente pelo diretor, na época, da Agência Central de Inteligência (CIA), Richard Helms (1913-2002).

Assim como costumava (e costuma) fazer, sobretudo, na América Latina e Caribenha, o governo estadunidense financiou todo o processo de desestabilização econômica, política e social chilena a partir de um método complexo e ideológico, com foco no discurso anticomunista, defesa dos “bons costumes” e da religiosidade, além da intervenção das Forças Armadas. Embora estivesse diante

de uma verdadeira batalha épica, Salvador Allende deu prosseguimento a uma série de iniciativas estratégicas para conquistar a adesão popular. Exemplo disso foi a realização de um programa que previa “40 medidas provisórias”, as quais abrangiam desde a nacionalização do cobre e a reforma agrária até assistência médica gratuita para a população.

Membro da Unidade Popular¹, Allende chegou à presidência causando um grande impacto no mundo, porque, pela primeira vez no mundo, um presidente marxista era eleito democraticamente e de forma pacífica, apresentando uma nova forma de liderar: “abriu o Palácio de La Moneda ao povo; [...] indo às cidades, às indústrias, aos territórios para fiscalizar o trabalho dos seus funcionários, visitando famílias e bairros populares” (CABALUZ; OLIVARES; ROSAS, 2023, p. 29). Ele assumia uma postura política corajosa e combativa ao imperialismo estadunidense, mesmo quando as tensões aumentaram com o boicote informativo da mídia e da política locais por parte dos grupos de extrema direita.

Com o intuito de reverter esse

cenário, o presidente chileno lançou em abril de 1971 a chamada “Operação Verdade” (*Operación Verdad*), uma campanha política, social e cultural que mobilizou artistas, intelectuais e jornalistas de diversas partes do mundo, para que pudessem observar, com seus próprios olhos, o processo de transformação que o Chile experienciava naquele momento. A ocasião reuniu personalidades de grande importância internacional, como o escritor argentino Julio Cortázar (1914-1984); o psiquiatra e escritor espanhol Carlos Castilla del Pino (1922-2009); o artista e senador italiano Carlo Levi (1902-1975); e o crítico de arte espanhol José María Moreno Galván (1923-1981). Estes últimos foram os responsáveis por sugerir a ideia de fundar um museu de arte moderna e experimental para o povo chileno, feito com doações solidárias de artistas mundiais. Deste modo, eles lançavam as primeiras sementes para a criação do que viria a ser o Museu da Solidariedade e indiretamente influenciaram os futuros passos do crítico brasileiro Mário Pedrosa, em sua fase chilena.

ARTE, POLÍTICA E AMIZADE

Pedrosa era um grande admirador de Allende, inclusive, encontrava-se exilado na terra de Neruda, desde 1970. Mas na época da realização da Operação Verdade, ele estava em Nova Délhi, onde havia sido convidado para ser jurado da Trienal de Artes Plásticas. Somente pouco tempo depois do evento é que foi convocado, pelo Departamento Cultural da Presidência da República, para se reunir com um grupo formado pelo diretor da Escola de Belas Artes, o pintor espanhol José Balmes (1927-2016), o diretor do Instituto de Arte Latino-Americano, Miguel Roja Mix, e o cineasta uruguaio e um dos assessores de comunicação de Salvador Allende, Danilo Trelles (1916-1999). A partir desse encontro é que, de fato, começou a se desenhar uma espécie de projeto para o Museu da Solidariedade.

A ideia inicial para construir o Museu da Solidariedade não foi precisamente minha, mas das personalidades que compareceram a um encontro internacional de intelectuais realizado em Santiago, em 1971. Na realidade, a ideia foi

lançada pelo reputado crítico de arte madrilenho José María Moreno Galván e o pintor italiano Carlo Levi, senador de seu país. Criar um Museu da Solidariedade, um gesto fraterno para o país que na América Latina iniciou seu processo rumo ao socialismo, foi o ponto de partida. Assim que chegou a Madri, Moreno Galván chamou os artistas espanhóis. Eles responderam imediatamente. O mais famoso deles, o velho Joan Miró, encarregou-se de pintar uma obra especial para o Museu da Solidariedade com o Chile, em seu ateliê de Barcelona. “Estará pronto quando você precisar”, disse² (PEDROSA, 1972, p.40) (tradução nossa).

Mário Pedrosa era o principal motor dessa dinâmica, pois, como sabemos, tinha um currículo impecável e bastante conhecido no estrangeiro, por colaborar com o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, nas décadas de 1950 e 1960; e pelos cargos que ocupou como diretor do Museu de Arte Moderna de São Paulo (1961-1963), como membro das comissões organizadoras das Bienais Internacionais de São Paulo, de 1953 e 1955, e diretor-geral

da sexta edição; além de estar como vice-presidente da AICA e presidente da ABCA. Ao crítico coube, portanto, a responsabilidade de presidir o Comitê Internacional de Solidariedade Artística com Chile (CISAC), organismo que coordenaria a doação de obras disponibilizadas pelos artistas estrangeiros para a criação do Museu da Solidariedade.

Segundo Castro et al. (2020), com atuação iniciada em 1971, o CISAC era composto de intelectuais da América Latina, Europa e Estados Unidos, incluindo Dore Ashton (1928-2017), importante crítica de arte da cena nova-iorquina dos anos 1960; Harald Szeemann (1933-2005), um celebrado curador suíço; Giulio Carlo Argan (1909-1992), historiador e crítico italiano; e Louis Aragon (1897-1982), poeta espanhol. Outros colaboradores, dentre os membros iniciais, foram: Roland Penrose (1900-1984); Edward de Wilde; Jean Leymarie (1919-2006); José María Moreno Galván (1923-1981); Aldo Pellegrini (1903-1973); Juliusz Starzynsky (1906-1974); Rafael Alberti (1902-1999); e Mariano Rodríguez (1912-1990). Todos assumiram a



DECLARACION NECESARIA

1.-La formación del C.I.S.A.C. se funda en el hecho de que artistas plásticos de renombre mundial hicieron llegar al Presidente Allende su deseo de ofrecerle obras suyas como señal de simpatía por las reformas revolucionarias que su gobierno realiza en Chile. El Comité confía que el gesto de esos artistas, no es un gesto aislado de algunos, sino más bien corresponde a un rasgo común a la colectividad artística contemporánea. Esa comunidad está dedicada en su íntimo, al ideal de una sociedad más justa, más libre y más humana que la que prevalece actualmente en la mayor parte del mundo.

2.-Los artistas jamás escondieron sus simpatías por los diversos movimientos de emancipación social que se han desarrollado en el curso de la historia, y cada vez con mayor frecuencia, a partir del siglo XIX. En su esencia, el socialismo no es sólo la bandera natural de las clases proletarias, la de artistas, científicos, intelectuales, quienes más intensamente que en cualquier otra época, tienen en la sociedad actual, que aquello que producen o crean es de algún modo desvirtuado en su espíritu y esencia, cuando para su difusión y circulación es incorporado como mercancía en el circuito del mercado capitalista.



MUSEO DE LA
SOLIDARIDAD
SALVADOR ALLENDE

Fig. 2: Fragmento da “Declaração Necessária do CISAC”. Fonte: Fundo Museu da Solidariedade (1971-1975) / Coordenação do Museu e Presidência do CISAC. Código s0034. Arquivo MSSA. Disponível em: <https://archivo.mssa.cl/Detail/collections/19>. Acesso em: 21 mar. 2023.

tarrafa de divulgar, amplamente, esse compromisso cultural, incentivando os artistas de seus respectivos países a ofertarem obras para o museu. Mário Pedrosa e Danilo Trelles também eram integrantes do CISAC: ao primeiro coube a função de diretor e, ao segundo, de secretário do Comitê. Esse conjunto de curadores, críticos e diretores de museus internacionais apoiou o governo Allende e seu projeto socialista, a partir da construção de uma rede de trabalho alimentada pela força da amizade.

Mário Pedrosa tinha um modo especial de cuidar dessas relações, não se tratava apenas de negociações burocráticas, até porque a questão central e mobilizadora dos envolvidos tinha teor sentimental: proteger a integridade de todo um sonho democrático, ressignificado com a ascensão da Unidade Popular, diante da corrupção orquestrada pelas manobras políticas da direita chilena, aliada a um pesado investimento financeiro dos Estados Unidos. Na verdade, consistia em reconhecer, dentro desse contexto conflituoso, o poder transformador dos afetos para diluir tamanhas

barreiras. Pedrosa sabia que, sem a ajuda de seus amigos e dos amigos de seus amigos, o museu jamais sairia do papel. A amizade foi a energia propulsora do CISAC e de todas as suas ações, ajudando-o, inclusive, a ampliar e a manter sua rede de colaboradores, mesmo com a saída do crítico brasileiro, anos depois.

O desejo de enfatizar o sentimento de solidariedade do projeto e seu vínculo com o socialismo, a luta contra o domínio americano e a marginalização cultural, em particular, levaram o Comitê a desenvolver a “Declaração Necessária do CISAC” (Figura 2). Este documento deixava clara a simpatia do órgão pelas reformas iniciadas por Allende, e a gratidão com os artistas internacionais, pela doação de obras ao povo chileno. De acordo com Macchiavello (2013, p. 35), a Declaração do CISAC retomava alguns dos princípios básicos da Declaração de Havana, que condenava “os monopólios ianques e a asfixia moral dos intelectuais e artistas”, os quais desejavam ver suas obras acessadas por pessoas e lugares fora dos grandes eixos mercadológicos que distorciam, continuamente, “para

o seu proveito, para a multiplicação do seu dólar”³, o verdadeiro sentido da arte. Sobre o assunto, Mário Pedrosa comentou, em entrevista para a *Revista de Educación*, um Boletim Técnico Informativo do Ministério de Educação do Chile, em julho de 1972:

Desde Santiago entramos em contato telefônico com inúmeras personalidades, estendemos os convites e foi dada a primeira organização ao Museu. Comitê Internacional de Solidariedade Artística com o Chile foi chamado esse órgão. Redigimos uma declaração inicial [...] na qual são expressas as razões que deram origem ao movimento de solidariedade artística com o Chile [...] o Comitê Internacional foi integrado, dada a sua gestação, exclusivamente por personalidades de outros países, que manifestaram sua adesão ao Governo Popular do Chile através da doação deste Museu. O Presidente da República, camarada Salvador Allende, deu instruções para que as embaixadas do Chile adotem as medidas necessárias para receber as obras doadas e despachá-las para Santiago⁴ (PEDROSA, 1972, p. 40) (tradução nossa).

A solidariedade foi algo tão significativo, em todo o processo conceutivo da instituição, que estimulou até mesmo a sua renomeação. Como vimos, a ideia inicial, proposta por Galván e Levi, era a criação de um museu de arte moderna e experimental, entretanto, por decisão do próprio Salvador Allende, passou a ser chamada de Museu da Solidariedade. Dois motivos colaboraram com essa mudança de nomenclatura, conforme o Memorando do CISAC⁵ de 23 de março de 1972: o primeiro estava relacionado à composição de um museu doado com obras de artistas de várias partes do mundo, em um gesto de simpatia e adesão ao Programa da Unidade Popular; e o outro se deu em razão de serem, essas obras, inseparáveis entre si, por expressarem, justamente, o apoio ao Chile, nesse momento singular de sua história.

Com o CISAC em funcionamento, o nome do museu definido e uma quantidade de trabalhos suficientes para formar um acervo, em torno de 450 (quatrocentos e cinquenta) obras, transcorrido um ano desde que foram iniciados os contatos, era hora de

prosseguir com a próxima etapa, a de sua inauguração. Em 17 de maio de 1972, o Museu da Solidariedade teve sua primeira exposição realizada no Museu de Arte Contemporânea (MAC) da Universidade do Chile, localizado no edifício Paternón, no Parque Quinta Normal, em Santiago.

Embora o Museu da Solidariedade começasse a ganhar corpo entre a sociedade, o projeto tornou-se, de certa maneira, uma dor de cabeça para o próprio Pedrosa, devido à sua condição jurídica ambígua e à ausência de um lugar definitivo para abrigar suas instalações. Em muitas ocasiões, o crítico brasileiro pressionou o governo para solucionar tal imbróglio, uma vez que ele também sofria com as cobranças dos demais membros do CISAC e dos artistas doadores para saber, por exemplo, como essas obras seriam armazenadas.

Em condições de tensão e pressa, a segunda mostra foi montada em abril de 1973, tendo novamente o MAC como espaço expositivo. A coletiva permaneceu aberta ao público até 11 de setembro de 1973 (Figuras 1 e 3),

quando ocorreu o golpe militar que pôs fim ao processo de transformação social implementado pela Unidade Popular, encerrando, desta maneira, o trabalho do CISAC e a primeira fase da odisseia percorrida pelo Museu da Solidariedade.

Fig. 3: Cobertura da imprensa chilena da inauguração do Museu da Solidariedade. Fonte: Fundo Museu da Solidariedade (1971-1975) / Difusão e Comunicação do Museu, código r0045, Arquivo MSSA. Disponível em: <https://www.mssa.cl/noticias/mssa-conmemora-el-nacimiento-de-mario-pedrosa>. Acesso em: 21 mar. 2023.



NOTAS

1 Criada em dezembro de 1969, a Unidade Popular (UP) foi uma coalizão entre o Partido Comunista, o Partido Socialista, dissidentes da Democracia Cristã (DC), o Partido Radical, o Partido de Esquerda Radical, a Ação Popular Independente e o Movimento de Ação Popular Unitária (MAPU), que propiciou o engajamento de vários setores populares e progressistas. Com o golpe de Estado em 1973, os partidos da UP foram banidos e passaram a desenvolver suas próprias estratégias para lidar com a ditadura e continuar de alguma forma a existir, mesmo que fosse simbolicamente no exterior.

2 “La idea inicial para construir el Museo de la Solidaridad no fue precisamente mía, sino de personalidades de que concurrieron a un encuentro internacional de intelectuales realizado en Santiago en 1971. En realidad, quienes lanzaron la idea fueron el reputado critico de arte madrileño José María Moreno Galván y el pintor italiano Carlo Levi, senador de su país. Crear un Museo de la

Solidaridad es un gesto fraterno hacia el país que en América Latina iniaba su proceso hacia el socialismo, fue el punto de partida. Apenas llegado a Madrid, Moreno Galván llamó a los artistas españoles. Respondieron de inmediato. El más afamado de ellos, el viejo Joan Miró, se dio a la tarea de pintar una obra especial para el Museo de la Solidaridad, en su taller en Barcelona. ‘Estará lista para cuando ustedes la necesiten’, dijo” (PEDROSA, 1972, p. 40). Fragmento da entrevista concedida por Mário Pedrosa à Revista de Educación do Ministério de Educação do Chile.

3 Fragmentos da segunda Declaração de Havana, publicada em 4 de fevereiro de 1962. O documento na íntegra está disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/castro/1962/02/04.htm>>. Acesso em: 3 dez. 2022.

4 Desde Santiago nos pusimos en comunicación telefónica con numerosas personalidades, extendimos las invitaciones y se dio la primera organización al Museo. Comité Internacional de Solidaridad Artística con Chile se llamó ese organismo.

Redactamos una declaración inicial [...] en la que se expresan los motivos que dieron origen al movimiento de solidaridad artística con Chile [...] el Comité Internacional se integró, dada su gestación, exclusivamente por personalidades de otros países, que habían manifestado su adhesión al Gobierno Popular de Chile mediante la donación de este Museo. El Presidente de la República, compañero Salvador Allende, dio las instrucciones para que las embajadas de Chile a adoptaran las medidas necesarias a fin de recibir las obras donadas y embarcalas a Santiago (PEDROSA,1972, p. 40).

5 O documento encontra-se no Fundo Museu da Solidariedade (1971-1975) / Coordenação do Museu e Presidência do CISAC, código r0143, Arquivo MSSA. Disponível em: <<https://archivo.mssa.cl/Detail/objects/3018>>. Acesso em: 5 dez. 2022.

REFERÊNCIAS

CABALUZ, F. J.; OLIVARES, C.; ROSAS, P. Salvador Allende, o revolucionário: socialismo, poder popular e soberania. In: PAGOTTO, R. T. (org.). *Allende e o governo popular*. São Paulo: Expressão Popular, 2023.

CASTRO, F. G.; CUBILLOS, C. C; YÁÑEZ, L. Q. *Mario Pedrosa y el CISAC: Configuraciones afectivas, artísticas y políticas*. Santiago de Chile: Ediciones/ Metales Pesados, 2020.

MACCHIAVELLO, C. Una bandera es una trama. In: *Catálogo Museo de la Solidaridad Chile, donación de los artistas al Gobierno Popular/ Fraternidad arte política 1971-1973*. Santiago de Chile: Museo de la Solidaridad Salvador Allende, 2013. Disponível em: <<https://archivo.mssa.cl/Gallery/Index>>. Acesso em: 11 abr. 2023.

PAGOTTO, R. T. (org.). *Allende e o governo popular*. São Paulo: Expressão Popular, 2023.

PEDROSA, M. Entrevista. Presente Magnífico del Museo de la Solidaridad y problema surgido, revela Mário

Pedrosa. *Revista Educación*. Santiago de Chile: Boletín Técnico del Ministerio de Educación, julio, nº 41, 1972.

ANA CECÍLIA SOARES

Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGArtes) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com participação em mobilidade internacional na Universidade do Chile. Mestre em Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará. Integra a Rede de Pesquisadores do Museu da Solidariedade Salvador Allende, no Chile. É membro-sócia da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA). É uma das idealizadoras da revista e da editora *Reticências*. É organizadora de diversos livros e já realizou várias curadorias.